
**A importância do diálogo e da Comunicação
frente à educação sexual**

**The importance of dialogue and Communication
in relation to sex education**

Juliene Rosa de ARAÚJO⁵⁶

O conteúdo aqui abordado tem como objetivo apresentar algumas visões e perspectivas acerca da Educação Sexual. Para muitos, esse tipo de temática ainda é um tabu, sendo considerado inapropriado por "corromper" a inocência das crianças e adolescentes. Todavia, contrário a essa crença, números crescentes de abuso de vulnerável mostram a necessidade de informar crianças, jovens e adolescentes, para combater a violência sexual. A presente temática, que anda em debates controversos no Brasil, na verdade é uma questão de saúde pública e ensino básico que tem como intuito proteger crianças e jovens.

Nos últimos dias, dois casos repercutiram por todo o país; um deles envolvendo a atriz Klara Castanho, em que teve sua vida exposta nas redes sociais após ter informações pessoais vazadas. A atriz, de 21 anos, teve uma gravidez fruto de violência sexual e realizou todo procedimento legal pra entrega da criança à adoção. O outro caso ocorreu em Santa Catarina, em que uma menina de 10 anos foi violentada sexualmente e foi impedida de interromper a gravidez pela juíza da sua cidade. Os dois casos, deixaram ainda mais evidente a importância da Educação Sexual como uma questão de saúde pública, além de retomar discussões envolvendo aborto, gravidez na adolescência e estupro no Brasil.

Desta forma, a necessidade de abordar a temática e a importância do diálogo na sociedade se torna cada vez mais indispensáveis. Esse tipo de Educação, diferente do que muitos acreditam, aborda na verdade, questões relacionadas às doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência e principalmente sobre a questão do íntimo. E ainda, questões envolvendo gênero e sexualidade, sendo possível, também, combater a homofobia, romper com preconceitos, trabalhar o respeito às diferenças e a aceitação do outro e de si

⁵⁶ Recém-graduada em Jornalismo pelo Centro Universitário Tabosa de Almeida (Asces-Unita). E-mail: juliene783@gmail.com

mesmo. Desta forma, o assunto foi tratado com duas especialistas, em Educação e na área de Psicologia, e uma mãe; e as três apresentam aqui suas visões sobre o assunto em pauta.

Maria Eliatriz Roberta dos Santos Silva, tem 36 anos, nasceu na cidade de Caruaru, é casada e mãe de dois filhos; o mais velho tem 12 anos e o mais novo, 6. É graduanda em Recursos Humanos pela Universidade Paulista (UNIP) e trabalha em uma empresa de material de construção há 9 anos na área de Departamento Pessoal.

Já Erinelma Nunes de Lucena, tem 44 anos e nasceu na cidade de Garanhuns, Pernambuco. É graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Unifavip e tem pós-graduação em Avaliação e Reabilitação Neuropsicológica e Neuropsicologia da educação (ESUDA); Psicopedagogia Clínica e Institucional e Educação Exclusiva (IESMIG); e em Neuropsicopedagogia Clínica (FAVENI).

Micaele Jessica da Silva é pedagoga e pós-graduada em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica. Tem 23 anos e é natural também de Garanhuns, no Agreste pernambucano, residindo atualmente na cidade de Jurema, Pernambuco. Além disso, também é empreendedora.

Pergunta: Diante do contexto cultural da sociedade brasileira e levando em conta tantas questões, a educação sexual, - como algumas pessoas costumam pensar -, pode acarretar o início precoce da vida sexual. O que você, como profissional da educação, diria a respeito disso?

Micaele: Essa visão é muito ingênua em relação ao que é a educação sexual. Muitos criticam e entendem como relacionado ao ato sexual, mas não é a isso que se refere. Educação sexual é o ensino a prevenção a situações indesejadas pelos jovens.

Pergunta: Qual seria a melhor forma de conversar com as crianças e adolescentes sobre educação sexual e como abordá-los?

Micaele: Existem diversas maneiras de tratar esse tema dentro da educação. Metodologias aplicadas, temas e projetos tratados com seriedade - crítica minha em relação ao desenvolvimento de projetos por parte dos professores e gestão, que até por desinteresse tratam o assunto como só mais um projeto - sala de aula invertida sobre o tema, debates em sala de aula etc."

Pergunta: Alguns pais costumam atribuir a função desse tipo de educação apenas às escolas. O que você pensa sobre isso?

Micaele: A única responsabilidade da escola é a formação cognitiva do aluno. Não entenda que só deve ser ensinado os conteúdos programados pelo currículo, pois existe o currículo oculto. Contudo, os pais como primeira instância de ensino e formação do ser humano, devem entender que essa responsabilidade de educar sexualmente deve ser deles, a escola entra apenas como apoio aos assuntos de forma ampla.

Pergunta: Por qual motivo os pais ainda se mantêm resistentes sobre esses tipos de conversas com seus filhos?

Micaele: Acredito que por insegurança, formas de criação, personalidade, liberdade com os filhos, vergonha... dentre tantos outros motivos. Contudo, esse tema traz grande repercussão devido à falta de liberdade que ainda existe em relação a sexualidade (não me refiro ao ato sexual, ou gênero). É necessário ser tratado com seriedade até no ato de se falar sobre, porque existem diferentes situações e devemos ter sensibilidade para tratar.

Pergunta: Por que você decidiu tratar com seu filho desde cedo sobre assuntos voltados à educação sexual?

Eliatriz Roberta: Foi porque, cada vez mais eu tenho percebido que a vida sexual tem se iniciado precocemente. As crianças, eu diria assim, com 12, 13 anos, muitas vezes já tem iniciado a vida sexual. A gente vê adolescentes com 13, 14 anos que já se encontram grávidas. Então diante disso eu senti necessidade de já conversar com ele sobre esse assunto. Eu também sempre tive uma abertura muito grande com a minha mãe, que além de minha mãe é minha amiga, então talvez isso também tenha me levado a tratar abertamente com meu filho sobre a educação sexual. E é isso! Eu quero que ele sinta segurança em conversar comigo sobre esse, e qualquer outro assunto.

Pergunta: Com que idade você começou a conversar com seu filho sobre isso?

Eliatriz Roberta: Meu filho hoje tem 12 anos, então quando ele estava com 10 anos eu já comecei a conversar algumas coisas com ele sobre isso. No início do ano passado quando ele tava próximo aos 11 anos foi que eu dei uma ênfase maior, porque eu já senti que ele despertava para namorar, já falava em meninas, em namorar, em como era e tal. Então a partir daí eu já comecei a conversar mais com ele sobre isso. E a gente conversa sobre esse assunto desde os 10 anos dele.

Pergunta: De que forma você começou e como ele reagiu a conversa?

Eliatriz Roberta: Bom, eu comecei a conversar com ele falando da importância de não pular as fases. Criança, adolescentes, adultos e essa questão toda. Então eu comecei falando com ele que tudo tinha a hora certa para acontecer, e as coisas tinham que acontecer com calma. E falei também sobre a proteção, que era necessário, e o que poderia acontecer se ele não se prevenisse futuramente quando ele começasse a vida sexual dele. E ele reagiu normalmente, a gente conversa e ele se sente à vontade para conversar comigo. Foi uma conversa tranquila.

Pergunta: Você acredita que ter conversado com ele desde cedo sobre isso irá resultar em comportamentos diferentes no decorrer da sua adolescência e juventude?

Eliatriz Roberta: Eu acredito que fará sim diferença. Tanto na adolescência, como na juventude dele. Eu creio que do mesmo jeito que fez diferença na minha vida, creio que fará diferença na vida dele.

Pergunta: Qual seria a melhor forma de motivar os pais a trabalharem educação sexual com seus filhos?

Erinelma Lucena: Sempre sugiro aos pais que quando verem a necessidade, chamar para ter uma conversa, ficarem atentos às falas dos filhos e sempre que for mencionado algo sobre sexualidade, conversar sobre o assunto e tirar suas dúvidas de maneira natural, de acordo a faixa etária de cada um.

Pergunta: Até que ponto uma criança/adolescente pode ser prejudicada por não receber orientação devida? E por que é importante quebrar esse tabu?

Erinelma Lucena: A criança/adolescente que não tem essas orientações em casa, acaba ficando com medo de contar para os pais quando acontece algo em relação a sexualidade. E esse tabu pode ser trabalhado através de diálogos claros, trabalhar textos em conjunto e realização de palestras sobre a temática para os alunos, pais ou responsáveis; e educadores. O que pode prejudicar é a orientação que não foi recebida em casa, ser procurada fora acreditando que os outros o acolhem melhor que seus próprios pais. Sendo assim, essa falta de conhecimento o deixará mais vulnerável a algum tipo de violência sexual e assim não compreendendo a situação como algo sexual e sim como uma brincadeira, não tendo noção das possíveis consequências.

Pergunta: É possível quebrar esse tabu na sociedade?

Erinelma Lucena: É possível, a partir do momento que as pessoas não vejam mais como algo pesado e um assunto difícil para se tratar/conversar, e sim comecem a entender e perceber como a educação sexual é importante para a prevenção precoce e para o crescimento saudável. E os pais e as escolas podem trabalhar juntos através de diálogos claros, textos em conjunto e palestras sobre a temática.